

Autor: Cristina I Ochoa

Título: O a-dicto não existe;¹ trata-se apenas de maldizer

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

*“Qual é a experiência à qual nos conduz a psicanálise que define a relação do sujeito com o sexo?”*² Me interessa desdobrar esta pergunta pelo estatuto paradoxal da lógica subjacente da formulação. Qual é a relação do sujeito com isso com o que não tem relação?

O tema das adições converteu-se em um pretexto para retomar certos eixos de um artigo anterior³, que gostaria de assinalar para pensar esta dimensão do corpo sexuado.

Me perguntava neste ponto *“sobre a articulação deste discurso que enunciando o direito ao gozo, sustentando a não falta no Outro, oferece fidelidade a um saber ao qual fica acorrentado”*. Entretanto, preso no destino de todo desejo sustentado no fantasma, como “vontade de gozo”, em parte vencido e prometido à impotência, o texto Kant com Sade testemunha a respeito.

Temos gozo impossível do parlêtre e as palavras para tornar possível o gozo que não existe. *“O homem está casado com o falo”, “não tem outra mulher que isso.”*⁴

Lacan propõe ir além do tope lógico na elaboração freudiana, a angústia de castração: *“aquilo ante o qual o neurótico retrocede não é a castração, a própria, ele faz da sua castração a garantia da função do Outro”*.⁵

No Seminário XVI⁶ lemos que a intrusão da função sexual no campo subjetivo tem a ver precisamente com a detenção do saber ante o sexo; a castração é o que falta como significante do conjunto do inconsciente. Que não haja relação sexual formulável na estrutura possibilita que a aposta fantasmática mascare o risco.

¹ Uma versão difundida atribui uma suposta etimologia segundo a qual adicto viria da conjunção do prefixo negativo “a” e do particípio latino “dictum”, dito. Desta interpretação são feitas conjecturas sobre uma exclusão da ordem simbólica da qual advêm consequências clínicas. Devemos esclarecer que o prefixo negativo “a” vem do grego e que “addictus”, por outro lado, contém o prefixo latino “ad” cujo significado é “para”. Mais que na dimensão do não dito, estamos no campo das consequências do estar conduzido pelo “dicere”.

² J.Lacan, Seminário XII “Problemas cruciais para a psicanálise”

³ Nos referimos ao artigo publicado nas atas da Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Montevideu. Novembro de 1991. “Uma paixão de ser: drogadicto”.

⁴ RSI. Aula de 17/12/74

⁵ Seminário X, aula de 5/12/1962

⁶ Lacan, De um A ao a Aula de 14 de maio de 1969

Do encontro com o desejo do Outro ao desencontro do mal-estar na cultura de onde provém toda nossa experiência.

Nos interessa remarcar neste desenvolvimento outra volta na proposta de retorno a Freud. Nos dirá: "O corpo contribui para esse mal-estar. À pergunta 'de que temos medo?', responde: do nosso corpo".⁷

"O corpo é introduzido na economia do gozo através da imagem, mas o imaginário tem consistência na medida em que esse corpo se despoje do gozo fálico".⁸

Extração do objeto que, sendo causa, o que nomeia é a impossibilidade do reencontro, é impossível que dois corpos façam UM.

É formulada sua condição de existência, o ser falante está casado com o falo. E é por isso que o corpo constitui-se a sede do sintoma que tem a ver com o real: *a angústia assinala este casamento*.

Em Freud, vemos que desde esse momento, o tê-lo ou não, não é sem conseqüências.

Temos por efeito da linguagem, um corpo esburacado. Lacan precisará: *"para o que é pulsão, não há necessidade de sublinhar que a função os orifícios no corpo, está ali para assinalar-nos que o termo buraco não é um simples equívoco, ao transportá-lo do simbólico ao imaginário."*⁹ Consequentemente, "a angústia, o que do interior do corpo ex-iste, assinalará o embaraçoso desse gozo fálico que veio associar-se a seu corpo"

Trata-se do indizível que atamos e com ele a possibilidade demarcada de um plus no lugar do impossível.

Se é da ereção, não há coisa melhor para fazer falo, como efeito da atadura se introduz, também, um lugar possível como valor de gozo. Em relação a esse gozo, o abrandamento tornará possível pensar o que articula do real e da morte imaginária.

Me interessa pensar, neste ponto, os efeitos da reunião do que leio com duas apelações de Lacan: por um lado, quando diz, "uma carga apresenta-se para o que não pode não estar atado: há que ser esse nó", por outro, ao afirmar "não é suficiente que o Nome do Pai esteja na estrutura, *é necessário servir-se dele*"

⁷ Lacan, J. "A terceira", Cadernos Lacan n°II. Publicação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre, 2002.

⁸ Lacan, Sessão de encerramento das Jornadas de "cartels" da Escola Freudiana. 1975

Assinalamos a introdução desta outra dimensão do ter: trata-se do pênis como órgão, do uso do instrumento.

Porque o homem está casado com o falo a angústia já está localizada em torno da coisinha de fazer pipi.

É em relação a isto que conclui: de onde vem o êxito da droga?, “é o que permite romper o casamento com a coisinha de fazer pipi”.¹⁰

Bem-vindo seja o que permita escapar desse casamento!

Impõe-se neste ponto a pergunta sobre uma questão de estrutura: “o que não é sustentado pela impostura fálica”.

Proponho que nos dirijamos às “Contribuições à psicologia do amor”.¹¹ Assinalemos o movimento que realiza Freud na análise da impotência psíquica interpretada como inibição, como ato contrário ao aparecimento do desejo, à inépcia estrutural para a satisfação pulsional. É notório que depois de conjecturar a lógica que daria conta da degradação do objeto sexual como um recurso para tramitar a encruzilhada incestuosa, outorgue à teorização desenvolvida o estatuto de *“introdução para instalar um caminho de abordagem ao nosso tema específico”*. Nosso tema, então, não fica situado do lado da inibição e sim recortado em torno ao “enigma de que alguns homens possam escapar deste padecimento”.

Encontramos uma via para continuar pensando esta questão ao referir-se à operação de fetichização como necessária, na medida em que “empresta à mulher aquele caráter pelo qual torna-se suportável como objeto sexual”... “e converte o pênis do homem no modelo normal do fetiche”¹²

Este objeto advindo agalmático mostraria o transporte da função de objeto no corpo do outro sexo que é cada parceiro para o outro. Que “a” e “-fi” estejam em disjunção, conjunção, reunião, seriam escrituras possíveis como efeitos da análise?

O falo não tem equivalente. Entretanto, se o pênis se converte no lugar privilegiado para representá-lo, o feminino advirá ao horroroso lugar que atravessa a suposição da universalidade.

⁹ Lacan. Op.cit.

¹⁰ Lacan. Op.cit.

¹¹ Freud, S. “Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa” 1912. Amorrortu editores. TXI. (Sobre a mais geral degradação da vida amorosa)

Freud equivale o tabu à fobia¹³, a mulher constituindo-se um todo-tabu para evitar a angústia ante o “adapta”.

Se retomamos a proposta já enunciada de que o campo que nos interessa não é o da inibição, a alternativa que surge é a de pensar outra aposta, a de sustentar na cena, um lugar que não poderia não ser sintomático, para o outro sexo. O nó faz sintoma do impossível: é o modo pelo qual cada um se adequa a uma inadequação estrutural.

É no discurso que sustenta o enunciado da renúncia ao gozo onde podemos pensar a introdução do objeto, condição de possibilidade para que o parceiro do não-todo seja pelo menos um, sem deixar de vagar sem destino pelo gozo fálico, que é o que nos dá a chave do gozo que interessaria ao outro do corpo, ao outro do outro sexo.

Parafraseando Lacan, podemos concluir:

Se é um indizível que se sustenta porque nós o atamos, a complicação está ligada à ex-sistencia do nó.

Se a interpretação tem a ver com o real é porque a limitamos à redução do sintoma. Mas, se um sintoma é o que testemunha que nem tudo é reintegrável, em relação ao sexual, como em relação à psicanálise, é melhor que o sintoma aguento.¹⁴

¹²Freud S. Op.cit. TXXI.

¹³ Citamos o Tabu da virgindade, T.XI. 1917-1918 como lugar privilegiado onde pensar a estratégia de rechaço à mulher como impasse da estrutura neurótica.

¹⁴ Op. cit. Sessão de Encerramento.